

CENTRO UNIVERSITÁRIO BELAS ARTES DE SÃO PAULO
Curso Arquitetura e Urbanismo
IDENTIDADE CULTURAL NA ARQUITETURA DA AMÉRICA LATINA:
RIO DE JANEIRO E CIDADE DO MÉXICO

Orientanda: Eloisa Loubet Brum Barbieri
Orientador: PROF. LUIS OCTÁVIO ROCHA

Resumo

Este artigo tem como objetivo comparar a habitação brasileira, a partir da arquitetura no Rio de Janeiro do século XIX e início do Século XX, com a habitação latina-espanhola no mesmo período, na Cidade do México, investigando pela história como elas se assemelham e ao mesmo tempo se distanciam, buscando através da arquitetura reforçar os laços brasileiros aos latinos, sendo este a conexão que prova sermos todos latinos

Palavras-chaves: Arquitetura. Urbanismo. América Latina. Cultura. Identidade. História

Abstract

This article aims to compare a Brazilian architecture, from Rio de Janeiro, with a Latin - Spanish architecture, Mexico City , investigating the story how they are similar and at the same time move away , looking through architecture strengthen the connection between Brazil and Latin America, proving we are all Latinos.

Keywords: Architecture . Urbanism. Latin America. Culture. Identity. History

Introdução

A arquitetura é apenas um dos focos para comprovar essa identidade latina que nos aproxima desde a última terra Argentina até a fronteira Mexicana com os Estados Unidos. Poderia citar diversas vertentes, falar de moda, música, política, mas foi através da história de duas cidades importantes, brasileira e mexicana que encontramos um dos tantos paralelos, te convido então a repensar tudo que você sabe sobre América Latina, escutar suas músicas, de salsa a samba, são ritmos tão fortes quanto os ritmos materializados de nossa arquitetura, eles tem cores, matérias, beleza única. Será que estamos tão distantes como dizem os quase 8.000 quilômetros?

A história é cíclica e não é coincidência sua repetição em diversos pontos da América Latina e fica então o ponto de investigação, todos os nossos problemas (e soluções) que se assemelham são causadas pela presença Ibérica, a luta indígena, a escravidão negra, os malsucedidos impérios ou confusões urbanas no começo do Século XX?

A colônia

A nossa história de arquitetura e urbanismo começa no século XVI com o “descobrimento” da América por portugueses e espanhóis. Indefere á nossa pesquisa quem teria sido o primeiro e aonde, sabe-se por certeza que ambos tinham o mesmo objetivo, enriquecer a metrópole tornando-a a maior potencia além-mar da época.

Os espanhóis, em sua maioria experientes militares, chegaram a mando do rei Carlos V, com o intuito de criar um modelo de cidade europeia, não

apenas com a mentalidade de exploração que tinham os portugueses. A ordem dada a todos os comandantes, inclusive Hernandez Cortés no México era de destruição total a cidade, o povo e a cultura indígena, assim ergueriam a Cidade do México no lugar de Tenochtitán, pois dessa maneira deveria ser a América, uma terra vazia, pronta para receber uma nova cultura, essa que imitava desde o urbanismo e arquitetura até comportamento, vestimentas e utensílios da Europa. Mas para a milimétrica construção da cidade que vemos hoje construída na Leys des Índia (ou tabuleiro de xadrez como conhecemos vulgarmente) os espanhóis tiveram de enfrentar a população que ali vivia. No Brasil, sabemos da existência de povos que habitavam de forma muito selvagem o território, de identidade singular, porém sem grandes feitos na arquitetura e urbanismo sem as construções monumentais encontradas na América do Norte, viviam em aldeias a base de agricultura e caça, não agregaram quanto escrita, ou ciências, tornando a chegada dos portugueses mais fácil e amigável, porém a ideia inicial era de pura exploração, como seguiram nas primeiras décadas com a extração de pau-brasil, demorou para nossa terra ser vista como um local habitável, onde deveriam planejar e erguer cidades.

Toda a história da época colonial é cercada de mitos e números incertos, não podemos nem aproximar quantos vieram, quantos já estavam aqui e quantas mortes houveram nesse período, mas é fato que a população nativa sofreu uma grande redução em número e em identidade, suas estruturas, religiões e costumes foram fortemente abaladas com esse contato.

Quem morava aqui e como moravam

Para entender esses dois povos devemos primeiramente entender o momento em que viviam. Apesar de conviverem na mesma época os nativos brasileiros viviam como no período neolítico e os povos como Maias, Incas e Astecas já podiam ser consideradas como civilizações, vamos aos fatos:

O período neolítico é marcado pelo domínio do homem sobre a natureza, surge a agricultura e pecuária (revolução agropastoril). Existe uma segurança alimentar, uma residência fixa que muda a maneira de viver dos índios, a população cresce e se organiza de maneira diferente, cada um exerce um trabalho, normalmente mulheres na agricultura artesanato e homens na caça, pecuária.

O mais importante para nós é que em consequência de todos esses fatores os nativos brasileiros tornaram-se sedentários, ou seja, fixaram-se em apenas um local e com isso constroem suas aldeias. Mesmo não sendo tão monumentais como a dos Astecas no Norte, na nossa região os índios seguiam uma ordem e usavam dos materiais da natureza para construir suas habitações

É quase unânime que a tribo encontrada no Rio de Janeiro era de procedência Tupi, conhecida como Tamoios e em primeiro lugar gostaria de desmistificar a visão do índio protetor da natureza que nos é ensinado nas escolas. Essa tribo assim como as demais derrubavam árvores e usavam de queimadas técnicas (que futuramente ensinariam os portugueses para o cultivo de cana-de-açúcar) para assentar sua aldeia e praticar a agricultura. O local então tomava uma forma redonda, ou de ferradura, distribuindo de forma circular as ocas, construídas do entrelaçamento de pau a pique e

cobertura de palha (em algumas tribos era comum o uso de adobe para a fortificação da estrutura).

Essa formação deixava uma “praça” central livre, conhecida como *ocara*, onde era celebrada as festividades, rituais e todos os acontecimentos da aldeia.

Outro ponto importante é que a habitação era coletiva, em uma oca viviam famílias inteiras, torno de 10 a 20 pessoas e nas aldeias de 300 a 5.000 índios. A coletividade é a marca registrada dos brasileiros antes da chegada dos portugueses, não existia hierarquia, o pajé era o mais sábio e requisitado para tomar decisões, mas todos trabalhavam em prol da comunidade, que tinha uma economia de subsistência, agricultura e caça.

Por outro lado, no México central encontramos um tipo completamente diferente de nativos, que já podemos considerar uma civilização, com uma ordem estabelecida, escrita, economia, e hierarquia, por mais subdesenvolvida e caótica que possa ter parecido na primeira impressão dos europeus, aos poucos esses se deixaram encantar, entender e praticamente dizimar a população conhecida como astecas.

É importante deixar claro que estes não eram os únicos ali, haviam inúmeras aldeias que constantemente guerreavam entre si. Os mais poderosos na nossa região estudada seriam os astecas, descendentes dos Olmecas, os progenitores e primeiros povos a ocuparem a região, inventaram o calendário, sistema numérico, escrita com hieroglífica, deixaram observações astronômicas e tinham uma sociedade hierárquica, que foi evoluída por esse povo que ocupou as proximidades da atual cidade do México, cerca de 48 km de distancia podemos encontrar as ruínas de deus templos.

Teotihuacán, a cidade principal tinha toda uma geometria urbana traçada: seu eixo principal chamava-se Avenida dos Mortos, com 3,2 Km de extensão, saía da pirâmide da Lua e cruzava com um segundo eixo e ao centro encontrava-se a pirâmide do Sol, curiosamente a cidade ainda nos tempos dos olmecas já era dividida em bairros, e posteriormente a estrutura foi mantida pelos astecas.

Os famosos templos que até hoje atraem turistas do mundo inteiro tem uma composição arquitetônica monumental conhecida como *talud-tablero* ou para nós “rampa-plataforma” que basicamente alterna uma superfície inclinada (rampa) com um painel retangular (plataforma) e os frisos formados eram esculpidos, pintados e adornados para reverenciar os Deuses, de acordo com a descrição da autora Emily Cole, pois a religião Asteca é um dos marcos mais fortes desse povo, um sobrevivente cultural em meio a tanta destruição. Além dessa crença única, os astecas tinham forte ligação com sacrifícios humanos, sua hierarquia escravizava e matava populações, não seria então tão fácil para os europeus ludibriarem os chefes astecas.

Como os dois povos conviveram

Imagine a chegada dos portugueses no Brasil, a imaginação dos indígenas em relação aos portugueses, o que seria aquela imensa estrutura nas águas do atlântico e qual o poder de quem a comandava, assim como havia o temor do outro lado, do que seriam capazes aquelas pessoas que os esperavam em terras jamais exploradas.

Podemos dividir a colonização do Brasil e também a relação com os indígenas em três partes, segundo Bóris Fausto, professor de história na

USP a primeira foi a fase de reconhecimento e pose da nova terra, que durou de 1500 a 1535, os portugueses exploravam o litoral brasileiro em busca do pau-brasil e para isso usavam a ajuda dos indígenas, que conheciam a terra muito bem, o escambo, uma troca de presentes, como nos explicam quando crianças era a forma de recompensa que os portugueses encontraram para ganhar a confiança e a mão-de-obra daquele povo. Logo esse “sistema” esgotou-se, era preciso uma nova formula de exploração e dessa vez apropriação das terras, foram enviados mais portugueses com o intuito de criar as capitanias hereditárias, que dividiam o Brasil em 15 faixas paralelas a linha do equador, é verdade que muitas falharam, os homens que vieram não estavam preparados para lidar com a imensidão do território, mas algumas sim triunfaram como a de Pernambuco. Perceba que vieram os donos dos novos latifúndios mas não a mão de obra, ai seriam necessários muitos indígenas e algo que eles desconheciam: o trabalho escravo e compulsório.

Voltando para nossa cidade maravilhosa, esta teve como primeiro governador em 1549 Tomé de Souza e uma presença intrigante e importante, os franceses invadiram o Rio de Janeiro durante os anos de 1555 a 1560 com a ajuda de povos indígenas que não aceitavam a exploração portuguesa, índios Goitacás destruíam engenhos e povoações desde antes de Tomé de Souza, o que fez Pero Góes abandonar a região em 1545.

O índio cultivava o básico para subsistência, viviam em comunidade, cada um com a sua tarefa para ajudar a tribo, não entendiam o trabalho de cultivo português. Citando novamente Bóris Fausto, “para aqueles indígenas que foram escravizados o homem branco era respeitado, temido e odiado, como homens dotados de poderes especiais.”

Existem duas outras presenças importantíssimas a complementar nossas história, uma delas é a dos jesuítas que chegaram aqui nesta mesma época com um intuito de catequizar e dessa maneira dominar os índios. Dos mais famosos temos o padre Manuel Nóbrega, que foi o primeiro a chegar com mais cinco jesuítas em condições precárias, estes tentaram protege-los da ira de seus feitores, mas acabaram matando algo muito pior, não respeitaram sua cultura ou religião que gradativamente foram se perdendo durante os anos. (Pela Coroa portuguesa os índios foram considerados livres em 1758)

O segundo personagem, talvez o que mais deu brasilidade a nosso país merece um capítulo a parte para entendermos o quanto essa cultura acrescentou no nosso aprendizado.

Viajando de volta para o norte da América Latina, sabemos que os espanhóis enfrentavam povos bem mais civilizados porém contaram com fatores de “sorte” para conquistar o México. O primeiro homem importante, chefe das embarcações e poder espanhol e terras americanas era Hernandez Cortés, que veio com ordens do Rei Carlos V que diferente dos portugueses pretendia entender seu império além-mar com cidades e civilizações cópias da Espanha aqui. Com a chegada dos colonizadores as estruturas hierárquicas dos Astecas entrou em conflito, muitos queriam aceita-los em paz e outros dizima-los o quanto antes, podemos dizer que os espanhóis fizeram alianças com os indígenas certos, que eram ameaçados pela grande civilização asteca e acharam dessa forma um jeito de extermina-los. Todos os tipos de aliança surgiram entre os colonizadores e nativos, até casamentos, e com a formação das novas cidades o índio tinha o seu espaço, ele não era um escravo mas vivia sob a constituição espanhola ou

seja, habitavam bairros chamados “pueblos”, talvez a primeira ideia de periferia latina. Lá possuíam um pequeno espaço para cultivo comunitário, subsistência e pagavam impostos aos espanhóis com sua mão-de-obra. É claro que houveram conflitos, aqueles que defendiam os nativos, os filhos de nativos com espanhóis (criollos) e os espanhóis, mas tudo era resolvido com leis e tribunais, de acordo com a constituição, nem sempre tão justa e eficaz. Os nativos não foram obrigados a aceitar o catolicismo, mas acharam uma maneira de conciliar com sua religião, essa que até hoje é acreditada de maneira igual México afora. Tomemos como exemplo a história da Virgem de Guadalupe, padroeira do país. De acordo com os relatos, a santa de pele escura, índia, teria aparecido para dois nativos pedindo a construção de sua catedral naquele local (8 km do centro da cidade do México). Uma história bem diferente de todas as outras católicas que conhecemos.

Não se engane ao pensar que tudo ocorreu bem, os nativos sofreram intensa queda populacional por doenças e assassinato pelos espanhóis, mas mesmo assim é uma cultura sobrevivente, que ensina até hoje seus costumes juntamente com a católica, orgulho do povo mexicano, que vê neles um símbolo de resistência e força.

Os negros no Brasil

O Brasil foi um dos países latinos que mais recebeu escravos vindos da África, uma vez que não era comum entre os espanhóis, e sim portugueses que buscavam dominar o território africano também. A imigração forçada foi tanta que virou um comércio, uma fonte de riqueza muito poderosa para o governo luso, em sua maioria os escravos vinham do Congo e majoritariamente da Angola (cerca de 70%) a maioria trazidas primeiramente a São Salvador e ao Rio de Janeiro durante o século XIX, onde predominava a economia açucareira e as cidades começavam a se urbanizar.

Os negros trabalhavam mais e por vezes eram mais fortes que os índios, tinham o costume do trabalho compulsório que buscavam os portugueses, mas nem por isso aceitaram a escravidão facilmente, constantemente envolviam-se em atritos com seus “superiores” e refugiavam-se em quilombos, áreas no meio da mata onde formavam uma comunidade subsistente, independente do homem branco e afastada de qualquer cidade próxima.

Lembrando que ter um lar, por mais simples que seja, nos tornam homens e mulheres, hoje é um direito humano. Aquele que não tem nem quatro paredes para chamar de seu não é considerada uma pessoa, por isso mulheres não tiveram seus próprios cômodos na época colonial, pois eram objetos pertencentes ao homem patriarcal. O mesmo valia para o negro, surgiram inúmeras pesquisas e teorias que comprovavam o negro como selvagem e não-humano, tudo no intuito de defender aquela nova fonte de economia e domínio português. Eram alojados nas senzalas, um grande galpão, onde ficavam sem conforto nenhum, sem nem as próprias esteiras. Vinham amontados nos navios negreiros e passavam a vida inteira amontados naqueles galpões de pau-a-pique e palha, longe da vida que conheciam.

Para ponderarmos suas diferenças com os indígenas devemos partir do olhar português em relação a ambos. Os jesuítas, apesar de não respeitarem a cultura indígena os protegiam dos portugueses, “tinham alma como nós”

afirmava Manuel da Nóbrega, que também os taxavam de inconstantes e com maus costumes, mas era dever dessa ordem religiosa cristã, baseada em Santo Agostinho trazê-los para o mundo correto: o Europeu. Não haveria ninguém para defender os negros, a escravidão duraria até 1888 e sua libertação mudaria o futuro das cidades e dos costumes brasileiros.

As independências

Não podemos deixar esse momento passar por várias razões, seus antecedentes, suas razões e suas datas, mais um paralelo se traça quando falamos de México, independente em 1821 e Brasil, independente em 1822 por razões completamente diferentes, e caminhos contrários.

Começamos pelo México, que iniciou sua luta em 1810, cheia de personagens rebeldes, militares sanguinários, ocupações e destruições, como em toda a dramática história latina. O processo durou dez anos, para transformar a colônia mais rica Nova Espanha em México, ao mesmo tempo que era a maior fonte de riqueza da coroa espanhola sua população vivia em extrema miséria e fome, partiu então de padres da Igreja católica o movimento que dividiria terras e daria uma vida mais justa ao povo indígena, esse que aderiu e lutou fielmente durante todos esses anos resultando em quase 1 milhão de mortes (sexta parte da população) e devastar a economia para conseguir a independência.

Foi no dia 24 de agosto de 1821 que houve a renúncia do vice-reino e cria-se então o primeiro império mexicano, coroando Agustín de Iturbide, figura icônica do movimento independente, que durou apenas oito meses e foi substituída pela república ditatorial Santa Anna, esse mesmo que perderia o Texas para os Estados Unidos. Mais uma história latina de altos e baixos, luta pelos direitos de terra do povo, voltando para a mesma estaca zero.

Mas outra curiosa e atípica independência seria a nossa, tudo começa com a chegada da família portuguesa em 1808 com toda sua corte e nobreza instalaram-se na cidade do Rio de Janeiro, que na época contava com 71 ruas, 27 becos, sete travessas, cinco ladeiras e 60 mil habitantes, sendo 30 mil escravos de acordo com os dados da prefeitura carioca. Esse atraso acabaria com a chegada da família real, esta mudaria os costumes, a cultura e o desenho da cidade. A população aumentaria de comerciantes e escravos. Os pântanos seriam aterrados e a cidade expandiria para o Norte, chegando ao Catumbi e São Cristóvão (lar da coroa portuguesa) e para o sul, chegando a Laranjeiras e Botafogo. Mas devemos a essa época também a construção de inúmeras obras arquitetônicas ligadas a educação e cultura: Real Academia de Belas Artes, Imprensa Régia, Banco do Brasil, Biblioteca Real, casa da moeda, jardim botânico e a Real Academia Militar.

E como isso se relaciona com a independência de 1822? A corte já moldava sua nova cidade para fixar-se, não haveria volta, portanto não seríamos mais apenas uma colônia.

Não tivemos luta ou aderências populares, devemos tudo a pressão da corte abandonada portuguesa pressionando a coroa aqui, eles reivindicavam a volta da família real, o Brasil com status de colônia e uma monarquia liberal que diminuiria os poderes do rei. Os reais defensores para “libertar” o Brasil eram os grandes proprietários, que apoiavam o Rei a ter seu império aqui mesmo. Com tanta pressão vindo dos dois lados o príncipe regente na época, Dom Pedro I declara no dia 9 de janeiro de 1822 “eu fico” e assim

ficou conhecida a data que enfureceria ainda mais a corte lusa, que programava um ataque militar a sua principal colônia caso D. Pedro I não retorna-se. Diante esse anúncio, ele não só fica como proclama no dia sete de setembro do mesmo ano a independência, muito heroico, às margens do Rio Ipiranga, como preferem passar os livros didáticos de história do Brasil. Nossa independência foi uma confusão, a coroa portuguesa esquivando-se de seus problemas e deveres e assim seguiria os próximos anos conhecidos como primeiro e segundo reinado. (spoiler: a confusão e esquivo de responsabilidade ainda predomina na política brasileira)

A chegada do Século XX para os latinos

A virada do século veio confirmar e espalhar a revolução industrial, um novo estilo de vida estava por vir e tanto a arquitetura quanto a vida na cidade mudariam. A primeira metade até a década de 1950 é uma conturbada fase de adaptações e dificuldades na América Latina, muitos governos ainda caminham em corda bamba, o povo continuava insatisfeito.

No Brasil o turbulento reinado teria fim em 1889 e nasceria a primeira república conhecida como velha que permanece até 1930 nossa primeira constituição republicana se inspirava nos Estados Unidos, os três poderes: Legislativo, Executivo e Judiciário e a alternância de poder por meio de votos não tão populares a cada 4 anos, mas só aqueles presidentes que pertenciam a Minas Gerais e São Paulo podiam se eleger, era absurda as entrelinhas, mas foi nosso primeiro contato com democracia.

No México peço um pouco de concentração pois a história caminha um passo à frente e outros dois atrás. Após a independência, Augustín Iturbide declarou-se imperador, foi retirado por Santa Anna, ditador que ficou no poder e foi derrubado em 1855 por outros tantos presidentes mexicanos, esse jogo de tomar o poder continua até Napoleão botar um fim. Sim, houve uma segunda colonização aqui. Bonaparte em conflito com a Espanha impõe Maximiliano Habsburg, irmão do imperador Austríaco da época como novo imperador do México. Sua aventura, pois assim é conhecida no México, começou em 1864 onde viveu na grande Cidade do México, urbanizando-a com seu gosto e costume europeu, criou uma das avenidas mais ricas e famosas da cidade conhecida como Paseo de La Reforma, que trazia tudo de mais moderno para época (até hoje é um marco na cidade, com enormes torres de escritório e com o bairro do Polanco ao norte). Mas o povo mexicano não precisava de um salvador vindo de além-mar, muito menos a mando francês, era um povo sofrido, mas de luta. Em 1867 republicanos liberais o condenam a morte, tudo encabeçado por aquele que seria seu futuro e mais amado presidente, Benito Juárez, primeiro índio a tomar o poder, buscava modernização e crescimento para o país, boas intenções que durariam pouco, pois Porfírio Díaz começaria uma nova ditadura. Desculpe pelas idas e vindas na história, mas como toda a novela mexicana tudo demora a desenrolar-se.

Viramos o Século mexicano com o novo ditador que promoveu a “paz porfiriana”, alavancou a economia e modernizou o país, mas esqueceu-se dos interesses das massas, os índios da área rural, a divisão de terra, e sua postura ditatorial também não era a mais aclamada. Esse de todos me marcou com uma frase que define o nosso século e serve para você também Brasil: “Pobre México, tão longe de Deus e tão perto dos Estados Unidos”

esqueçam a Europa ibérica, temos uma nova história, um novo (e amado) colonizador e uma revolução a frente.

Dois caminhos, novas transformações

O começo do século foi muito importante para a América Latina toda, mas especialmente para nossas duas cidades, estamos caminhando para a cidade maravilhosa e uma revolução que duraria duas décadas. Um homem foi muito importante nesse processo carioca e vários homens, insanos, valentes, errados e certos fizeram um novo México.

Não cabe a nós passar novamente por mais uma história de revolução com lutas, e glórias, declínios e superações, cheias de personagens caricatos que até criaram uma identidade mexicana para os estrangeiros, por exemplo o icônico Pancho Villa, líder de uma parte da revolução, que chegou a atuar no próprio filme hollywoodiano espalhando a imagem de sombreiro, poncho e bigode mexicano por aí.

Devemos na verdade ressaltar outra parte da história que foi exportada para o mundo, o momento era de nacionalidade, luta pelos excluídos, de maioria indígena que nada tinham por isso surge uma arte que envolvia pintura e arquitetura para impressionar além de suas fronteiras e incentivar aqueles que viviam momentos difíceis lá dentro.

O movimento muralista era uma maneira artística de marcar a revolução e a virada do século, José Clemente Orozco, David Siqueiros e talvez o mais famoso morador da Cidade do México, Diego Rivera foram grandes nomes desse momento, a arquitetura somada a arte era uma forma de aspirar mudanças em um país que carecia de tanto apoio. A inspiração veio de fora, Rivera chegou a conhecer Picasso e outros artistas modernos na Europa e assim tornou-se também inspiração para toda a América Latina, inclusive para um grande artista nosso, reconhecido mundialmente e com obras no Rio de Janeiro, Candido Portinari.

As obras eram enormes, expostas em lugares públicos e governamentais, denunciavam de forma criativa e sutil as injustiças sociais, o índio oprimido e o violento colonizador. A pintura em tela era considerada burguesa, egoísta, eles se baseavam na arte pré-colombiana para criar uma arte pública que todos, inclusive aquele povo marginalizado pudessem entender. Sem nos estendermos mais, era a primeira vez naquele país que a arquitetura tornou-se um mecanismo de mudança social, o pensamento coletivo estava presente mesmo que vinculado ao pensamento comunista. Nessa época a Cidade do México receberia vários pensadores e revolucionários pela causa do mundo inteiro, inclusive Leon Trotsky se exilará ali.

Enquanto pensavam no próximo, na distribuição de terra e igualdade, o Rio de Janeiro passaria por um momento crítico, que mudaria sua estrutura social e urbana pra sempre. Francisco Pereira Passos foi prefeito da cidade entre os anos de 1902 e 1906, eleito pelo presidente Rodrigues Alves, era formado engenheiro pela escola politécnica do Rio e estudou também em Paris onde viu de perto o prefeito parisiense Haussman, atuar na cidade luz.

O Rio de Janeiro era uma das maiores cidades do Brasil, como já citado anteriormente recebeu muitas obras arquitetônicas e sanitárias com a vinda da família real, mas nem com toda infraestrutura e tecnologia era possível prever o salto no número de habitantes que a cidade sofreria, somado com a abolição da escravidão, que tornava os negros homens livres, cidadãos,

quase sem direitos, mas que ainda sim necessitavam de moradias. Como em todo o continente a sub-moradia foi uma das soluções para aqueles que mal tinham condições de se alimentar, o centro foi ocupado por famílias que viviam em condições insalubres, prostituição e marginalização andavam em suas calçadas. Além dos problemas sociais a rede de saneamento básico não suportaria toda a demanda, a cidade entrava em caos, era preciso uma nova alternativa para reinstaurar a beleza e grandiosidade do Distrito Federal. O prefeito Passos, baseado nas ideias de Haussman age a sua maneira na capital para resolver os problemas, diferente de Paris, que foi inteiramente reformulada, Passos maquia a cidade carioca, expulsa todos os sub-moradores do centro, e destrói os cortiços para abrir largas avenidas e europeizar o Rio, caminhamos para a cidade maravilhosa, que seria encanto internacional nas décadas seguintes. Outra medida que transforma a cidade é o fim que leva o morro de Santo Antônio, ele foi abaixo, dando lugar ao aterro do Flamengo, que por anos tinha uma paisagem deserta, sem o uso que conhecemos hoje de lazer, onde esta presente o museu de arte moderna, casas de show, memoriais e o aeroporto Santos-Dumont. A reforma que só agraciou alguns pontos escondia uma sociedade excludente, reforçava-se uma nova forma de periferia carioca que engrandeceria o olhar internacional mais do que o desenho urbano “planejado” por Pereira Passos

Nasce o Copacabana Palace e cresce o bairro do Polanco

Nas primeiras décadas do século XX a grande pergunta no âmbito da arquitetura é quem somos nós, latinos? A arte brasileira e mexicana sem desenvolveram de forma única e excelente no nacionalismo e patriotismo, assim como outras artes, a literatura, escultura, mas a arquitetura ainda vagava sem rumo, sem encontrar sua identidade, seríamos nós parte dos colonos, dos índios ou imagem e nos tornaríamos imagem e semelhança dos francês, na época ditador de moda e cultura.

A nova burguesia tinha o capital e portando queria investi-lo, viver bem, e para isso era preciso um lugar adequado com a arquitetura certa, esses novos e velhos ricos vão criar na américa latina a ilusão europeia, um pedaço de terra com a intenção de tira-los do contexto latino.

Mais uma vez, por coincidência ou consequência de seus caminhos as duas cidades na mesma época lançam seus símbolos de alto padrão, na década de 20 nasce o Polanco e o Copacabana.

A américa latina sofria grande expansão urbana, uma migração do campo para a cidade, tendo que estender sua malha urbana, esse fato ocorreu em diversas cidades e muitas não conseguiram acompanhar o crescimento mesmo com diretrizes traçadas, pois era inimaginável o quão grande seria essa explosão demográfica nas cidades. O mesmo viria a acontecer nas duas capitais da época, surge então uma nova ideologia, as casas de alto padrão deveriam sair do centro, para lugares pouco mais afastados, era uma ideologia americana no México de cidades jardins, com casas rodeadas de cinturões verdes onde só se podia chegar de carro, mas no Rio não era a área verde que contava, o morar moderno era (e ainda é) a beira-mar.

O bairro de Copacabana era quase deserto, ocupado por alguns pescadores, seu nome significa mirante do lago, ou da pedra preciosa, e como já é de costume nesse país, toda riqueza seria explorada em algum momento. Foi no final do século XIX que empresas de loteamento decidiram “povoar” a área

que seria lar da elite local, para isso a companhia Jardim Botânicas, estenderia sua linha viária criando o túnel Real Grandeza, atualmente apelidado de túnel velho, a abertura permitiu a ligação com a cidade e ali seriam construídos os novos lares, palacetes e edifícios mais refinados da época, imitando a arquitetura francesa, assim como sua pedra mais preciosa do mirante, o hotel Copacabana Palace.

Havia realmente a demanda por hotéis na capital do Brasil, Epiácio Pessoa, presidente na época chegou a isentar de impostos e taxas para que fossem construídos hotéis, cinco se ergueram mas logo foram demolidos ou perderam valores, o único que sobreviveu e é marco da cidade, com fama internacional é o Copacabana Palace. O Projeto era de 1919 financiado por Octávio Guinle e tinha perspectiva de finalizar a obra em 1922 para o centenário da independência, o que aconteceu com um ano de atraso. O desenho é de Joseph Gire, arquiteto francês, responsável pela construção de outros hotéis balneário, em Nice e Cannes, até a mão-de-obra era estrangeira, assim como a maioria de seus materiais, cristais alemães, mármore italianos, lustres e vidros tchecos e móveis suecos, tudo do melhor e mais caro. A obra imediatamente valorizou a área, até hoje tem um círculo de influência, quanto mais perto do hotel e da praia maior o valor, assim como ingressar no seu interior vai sofrendo uma desvalorização.

Nessa época começaram os banhos de praia, que tinham hora, data e regras para seus banhistas, começa a nascer a cultura de praia do brasileiro, símbolo da nossa identidade, iniciada naquela época e moldada até os dias de hoje.

No outro hemisfério, sem praia, sem mirante vemos o crescimento da real cidade-jardim, que viria a ser lar de abastados estrangeiros e mexicanos.

A seis quilômetros do centro e ao norte do Bosque Chapultepec (área nobre desde a ocupação asteca) o terreno onde funcionava uma criação de bichos-da-seda foi dividido e redesenhado para ser a zona mais elegante e cosmopolita da cidade. O local teve de ser ocupado pela demanda de espaço após a revolução mexicana. No início Polanco recebeu moradias de classe média e alta, e foi lar de várias comunidades como a judia, espanhola, alemã e libanesa. A sua construção e os costumes das pessoas ali eram ditados não por francês ou espanhóis mas por americanos, era característico o uso de carros apenas e o conceito de cidade jardim, casas rodeadas de extensões verdes, as construções eram conhecida como “colonial californiano” as típicas moradias rodeadas de jardins, mais tarde na década de 50 conheceriam o estilo funcionalista. A busca pelo estilo de vida norte americano é tanto que a área, hoje com as melhores lojas e grifes da cidade é conhecida como Rodeo Drive americana (parte de Los Angeles onde estão as marcas mais famosas)

Favelas cariocas e periferias mexicana

“Nossos construtores são artistas. Não seguem leis acadêmicas, usam seu sentido para fazerem combinações proibidas pelas regras escolares, e sem duvida o resultado geralmente é harmônico e sobre tudo pessoal e único...” – Luis Barragán, primeiro mexicano a ganhar o prêmio Pritzker de arquitetura.

O planejamento urbano acontece em todas as cidades, algumas inteiramente como Brasília, outras “arrumando” aqui e ali, mas por mais simplório ou monumental que seja existe um pecado na história do urbanismo mundial que nunca projetamos a periferia, ela é espontânea, se expande com facilidade, tem vida própria e sem preconceitos, uma linda vida própria, cada uma mostra um pouco do sofrimento e da luta, mas aqui na América Latina da criatividade. Como pessoas sem estudos, formação nenhuma construíram? É claro que os pecados são muitos, mas não podemos deixar de estudá-las tão maravilhados como estudamos a capital de Lúcio Costa.

Em nossas duas cidades encontramos dois tipos de formação, o mexicano mais comum nas cidades latinas, inclusive nos lembra a da cidade de São Paulo, enquanto a carioca chama atenção do mundo inteiro, misturando paisagem, beleza e temor, e como sempre tudo teve explosão nesse importante começo de século.

Começamos pelo México, que pela primeira vez é a mais simples, mas nem por isso mais penosa. A periferia é algo decorrente desde antes a chegada dos espanhóis, visto que já existia hierarquia e regalias no sistema asteca, mas ganhou nome e aprimorou-se com a chegada de Hernandez Cortez e suas regras urbanas, os índios nunca ditos explicitamente escravizados tinham suas casas em uma área conhecida como “pueblos”, onde tinham uma área comunitária para plantio e outra de convivência, praça, essa duração virou décadas e por conta de uma barreira física, o rio, durava até século passado em Guadalajara.

Mas no Distrito Federal temos uma formação como já conhecemos por aqui, a de anéis. Ou seja a cidade formou-se a partir de um pequeno centro, como a maioria das cidades latinas e esse centro se expandiu, tomando o tamanho que conhecemos hoje e essa expansão, com bairros planejados e reformulados empurra a periferia, portanto vamos encarar a cidade do México como vários círculos dentro do outro, quanto mais central mais a cidade é cuidada, preservada e as moradias melhores, quanto mais afastada ela perde qualidade de vida, moradia e segurança, a aglomeração é tanta que essas áreas formam pequenas cidades, destacando-se da vida urbana central, mas mesmo assim necessitam dela, e como aqui tem o problema de mobilidade e acessibilidade.

Já o nosso país é conhecido e marcado pela grandiosa vista de favelas, essas que tiveram formação no final do século XIX e no começo do século XX. Como já vimos a abolição esgotou as precárias redes de infraestrutura e moradias, somamos a esse fato a chegada numerosa no Rio de Janeiro de soldados que lutavam em Canudos, que regressaram sem perspectiva de um futuro ou trabalho, historiadores reconhecem essa invasão como o surgimento dos primeiros mendigos e conceito de multidão no Brasil. Se imaginarmos isso como um cenário caótico, podemos entender o estrondo que a reforma passou causou para a cidade, com a demolição de cortiços na área central aonde iriam aquelas pessoas que viviam amontoadas no centro? Aqueles soldados depois de muita luta por seus direitos de receberem o prometido soldo fracassaram e saíram sem nada, viram então o “morro da providência que já tinha alguns cortiços, essa foi então a primeira favela carioca, com suas construções na parte baixa imitando as casas em Canudos, que posteriormente se perderam, pois era uma favela autofágica uma vez que trabalhavam na pedreira que destruía o próprio morro de acordo

com o historiador Milton Teixeira. A partir desse acontecimento a vida na favela só cresce sem o apoio do governo e infraestrutura e cresce com ela o maior problema social carioca, a violência e o tráfico de drogas, influenciada diretamente pelas rotas de tráfico do México e da Colômbia juntamente com a severidade e o despreparo da polícia carioca, uma sociedade que ligava pobreza à violência .

Habitações Sociais, a nova preocupação do Séc. XX

Chegamos ao fim da segunda guerra, tudo que conhecíamos de costumes e verdades foram alteradas, inclusive aqui na América Latina, seremos palcos de mudanças e modernidade em inúmeros quesitos, inclusive o da arquitetura, onde o mundo todo volta seus olhos para nossas ideias. Finalmente chegou a hora de tocar assuntos que antes eram tabus, então porque não terminar essa história com nomes polêmicos e suas obras em nossas cidades?

Carmen Velasco Portinho pode não parecer um nome muito comum em primeira mão, sua maior obra em conjunto com seu parceiro nem sempre tem seu nome lembrado por historiadores, mas juntos ele projetou, ela calculou e política realizaram a primeira obra de cunho social do Rio de Janeiro, que terminava seus dias como Distrito Federal junto com o andamento da obra. Não estranhe citar uma engenheira e não uma arquiteta, mas acredito que isso vai além de sua graduação como engenheira-geógrafa (1924) e posteriormente ser a primeira mulher a receber o título de urbanista no país. Carmen foi a primeira na introdução da ideia de habitações sociais e também a primeira a realizá-lo, era uma pessoa extremamente política, que defendia seus ideais acima de tudo, feminista e militante, foi inclusive julgada como comunista, mas nem por isso deixou de realizar suas obras, na qual acreditavam que seriam e foram o primeiro passo para mudar nossa realidade.

Junto com seu marido, Affonso Reidy projetaram e executaram a obra do Pedregulho, no morro do São Cristóvão, na época ela propôs ao prefeito a criação do departamento de Habitação Popular e tornou-se diretora, o que incentivou sua construção. Carmen tinha uma visão muito delicada da cidade, entendia que esta servia às pessoas e sua obra não seria diferente, é uma das primeiras a pensar no conceito de participação popular, escolhendo quase que a dedo as pessoas que iriam morar ali, para ela era importante que os moradores já tivessem uma identidade e uma conexão com o local. Também concebeu a ideia de ir além da habitação, o conjunto que se destaca pelo majestoso bloco de forma curva também é composto por escolas, ginásios, lavanderia coletiva e posto de saúde, nem tudo pode ser realizado, mas o plano havia sido plantado e seria precursor de outros tantos projetos do tipo, ligado à cidadania com sociedade que nasciam em nosso país.

O conceito habitação social nasceu na Alemanha, em 1919 na República de Weimar, que tornava o direito de moradia obrigatório, com sendo este salubre e de qualidade, mesmo que mínima a todos os cidadãos. Durante o período de 1925 a 1930 Ernst May construiu cerca de 30 mil moradias só em Frankfurt. Essas leis foram chegar no Brasil apenas em 1930 com Vargas, era um momento que a terra era vista como um negócio e extremamente lucrativa, mas no México essas transformações começaram até antes da Alemanha,

em 1917, dois anos antes, era lei que cada dono de indústria fornecesse a seus operários uma moradia mínima, ainda não era um decreto governamental como deveria ser, mas foi o primeiro passo que tomamos em relação a moradia popular no México.

Um de seus grandes arquitetos foi Mario Pani, praticamente percursor em todos os ramos da arquitetura mexicana, foi promotor do funcionalismo e do estilo internacional no país, de 136 projetos encontramos variados temas, habitações de luxo e de cunho social, escolas, shoppings, hotéis, aeroportos e diversos planos urbanos.

Era de uma família rica e importante na política, estudou na Itália, França onde conseguiu seu diploma da faculdade de Belas Artes Parisiense e validou na universidade autônoma do México, fundou o colégio de arquitetos do México e a revista *Arquitectura* que foi de muita influencia no país. Procurava sempre ligar as artes plásticas a seus projetos com muita modernidade, inclusive foi extremamente criticado ao construir uma Unidade Habitacional em local histórico com ruínas pré-hispânicas de Tlatelolco, onde também foi acusado de sabotar as escavações para realizar seu projeto.

O Centro urbano Presidente Miguel Alemán foi encomendado pelo governo federal no começo dos anos 40 e construída entre 1947-49, a principio eles pediam 200 casas de cunho social, mas o arquiteto foi além, em um grande terreno ergueu edifícios disponíveis em “zigzag”, vertical e horizontal interligados, buscando sempre a orientação solar Leste-Oeste. Muito mais que 200 moradias ele criou 1080 *viviendas*, como são conhecidas no México, a densidade era de 270 habitantes por hectare, além das moradias encontramos novamente a ideia cidade dentro do edifício, apenas 20% de toda construção era destinada a habitações, 10% seriam serviços, 55% áreas de lazer e 15% circulações. As tipologias assim como no pedregulho variavam entre 50 a 80 m² distribuída nas variedades de plantas.

Podemos ver claramente nas duas obras influencias modernas, o projeto de Pani seguia três ideais de Le Corbusier, luz, espaço e áreas verdes, que também tornaram-se elementos principais na obra de Reidy e Carmen, a partir dessas obras e desses elementos começamos a estabelecer uma identidade mexicana e brasileira, que já não se prendiam ao passado nem tanto com o estilo internacional, que apesar de serem ideias consideradas e usadas pelos arquitetos eles ainda tinham uma maneira muito única que atraem nosso olhar e nos fazem reconhecer onde estão localizadas sem muito conhecer sobre a obra.

Conclusão

Quando estudamos uma pessoa um ícone histórico ou político acabamos nos envolvendo, criando um laço com alguém que talvez nem viveu em nossa época, nunca nem chegamos perto. O mesmo vale para cidades, criamos uma relação de afeto, uma vez li um texto que descrevia a cidade de São Paulo como uma mulher, forte, determinada, meio maluca, mas que ao final a vontade era de abraça-la como quem diz eu ficaria do seu lado, lutaria por você e depois de avaliar e descobrir a personalidade dessas duas cidades imagino se fossem duas pessoas, enxergo dois homens, muito distintos, que traçaram o mesmo caminho mas encaram a vida de outro jeito. Escuto a risada alta do carioca, vejo seu passo devagar e presto atenção na sua conversa, que fala de beleza e paraíso e me mascara seus problemas, sua

frase preferida: “também não é assim”, ele luta todos os dias sem perder a graça, a vida é difícil mas ele veio a vida como quem vem a passeio, só faz sentido viver em felicidade. Por outro lado vejo o mexicano, de traços indígenas com o rosto silencioso, observando com mistura de medo e interesse, uma tranquilidade de quem já passou por muito e leva cicatrizes, essas que o Rio de Janeiro finge não ter, o mexicano as expõem, sua história, seu lugar são sua identidade que com o tempo se abre a nós, mostra todas suas cores que fazem parte do seu ser, tecendo todo seu espanhol nos contando histórias que ele nem viu, mas guarda. São dois homens diferentes, um escancarado que não te conta a verdade e outro que você demora a ver mas depois é pura transparência, homens que não sei se seriam amigos, se cruzariam caminhos ou criariam os laços que fiz com eles. Quem sabe se um dia eles sentassem e conversassem não aprenderiam juntos, não levariam pra casa um pedaço do outro. Talvez essa seja a solução, mas é que as vezes acho que eles andam na mesma rua sem se perceberem.

Referências

PELLEGRINO, Gabriela e **PRADO**, Maria Ligia. História da América Latina. Editora contexto, 2014

COLE, Emily. História Ilustrada da Arquitetura. Editora Publifolha, 2002

FAUSTO, Bóris . História do Brasil, EADUSP, 1995

NARLOCH, Leandro E **TEIXEIRA**, Duda. Guia Politicamente incorreto da América Latina. Editora Leya, 2011

ROMERO, José Luís. América Latina: A cidade e as ideias. Editora UFRJ, 2004

CORRAL,Javier Sánchez. La Vivienda Social en México. JSa ,2009

BENCCHIMOL, Jaime Larry. Pereira Passos: Um Haussmann Tropical, Biblioteca Carioca, 1992

GOMES, Laurentino. 1808, Planeta, 2007

HAMAD, Thays Santos e **CODINHO**, Ana Gabriela. A visão da cidade em Carmen Portinho

BONDUKI, Nabil Georges. Moradia Social no Brasil

DELGADO, Javier. De los anillos a la segregación,

VALLADARES, Licia. A Gênese da Favela Carioca

DOCUMENTARIO: Entre Mares e morros

MATERIAL DIDATICO DE HISTÓRIA DA UNIVERSIDADE NACIONAL AUTONOMA DO MÉXICO

<http://www.ciudadmexico.com.mx/>

<http://arquitetofala.blogspot.com.br>